

A resolução semântica no jornalismo de base de dados: uma análise das hipernarrativas do jornal Diário do Pernambuco no *tablet*¹

Karolina de Almeida CALADO²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo provocar uma reflexão sobre o papel da resolução semântica na construção das hipernarrativas do jornal Diário de Pernambuco, no *tablet*. Fazendo-se necessário: refletir acerca do uso da multimídia; analisar os espaços proporcionados à participação dos usuários e discutir as transformações sociais resultantes de novos comportamentos dos indivíduos. Os objetivos foram formulados no intuito de responder até que ponto o conceito de resolução semântica se confirma na composição das narrativas jornalísticas da versão impressa daquele jornal, no *tablet*. Seguindo o modelo teórico-empírica, foi necessário lançar mão do nível de pesquisa descritiva a partir de uma abordagem qualitativa e realizar a análise de conteúdo a partir de uma amostra de seis edições publicadas no mês de junho de 2012.

Palavras-chave: Diário de Pernambuco. Tablet. Hipernarrativa. Convergência.

Introdução

A necessidade de produzir conteúdo para diferentes plataformas tem provocado inquietações nos setores profissional e empresarial, tendo em vista as novas práticas de consumo e, portanto, as novas possibilidades de negócios. Percebe-se o processo de convergência tecnológica se legitimar a cada dia, a partir do momento em que os modelos tradicionais se unem aos novos, tornando as novas linguagens híbridas (JENKINS, 2009). A linguagem tradicional aparece nos "novos meios" devido a capacidade de digitalização deles, ou seja, de transformar os produtos tradicionais na

¹ Artigo apresentado no Eixo 2 – Jornalismo, Mídia Livre e Arquitetura da Informação do VI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, realizado de 06 a 08 de novembro de 2012.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), com bolsa Facepe.

linguagem binária da informática. É graças a esse processo que construiu a base de dados, que hoje se tem na rede mundial de computadores, tanto conteúdos originados no meio digital, quanto produzidos de forma analógica, mas digitalizados e disponibilizados na internet. De acordo com Elias Machado (2007), a referida base de dados aborda tanto o aspecto lógico-matemático da construção hipertextual, quanto o armazenamento, que inclui a própria memorização da estrutura lógico-matemática.

As transformações tecnológicas são para Castells (2000) uma revolução. Ele discute como os processos são redefinidos pelos indivíduos e como a produção tecnológica é resultado de uma mudança cultural. Ao encontro dessa discussão está a reflexão de Henry Jenkins (2009) sobre a cultura da convergência, o qual enfatiza que diante de mudanças na cadeia produtiva da notícia, devido à crescente audiência nos meios online, as mídias tradicionais e novas unem-se para produzir diferentes conteúdos. Tal conceito se pode comprovar por meio da quantidade de veículos que atualmente adapta seu conteúdo para distintas plataformas de dispositivos móveis, a exemplo das organizações internacionais de notícias como Reuters e BBC (British Broadcasting Corporation), além da Folha de São Paulo, o Estadão e O Globo.

A preocupação no momento é como deixar a notícia atraente ao leitor e como apresentar as possibilidades de narrativas na plataforma móvel. Diante de conceitos como o da composição da notícia no jornalismo online a partir da resolução semântica, de Fidalgo (2007) e tendo em vista que na base de dados a narrativa ciberjornalística se diferencia da estrutura em html (HyperText Markup Language), segundo Larrondo, Mielniczuk e Barbosa (2008); o artigo abordou como problema a tentativa de entender até que ponto o conceito de resolução semântica se confirma na composição das narrativas do Diário de Pernambuco. Portanto, traz como objetivo geral provocar uma reflexão sobre o papel da resolução semântica na construção das hipernarrativas no *tablet* e como objetivos específicos: refletir acerca do uso da multimídia no jornal; além de analisar quais os espaços oferecidos à participação do usuário e discutir como as transformações midiáticas são resultado também das mudanças socioculturais.

Baseado no modelo teórico-empírico, a pesquisa possui um nível descritivo, uma abordagem qualitativa e se utilizou dos seguintes instrumentos de pesquisa: observação,

análise de conteúdo e revisão de literatura. Como amostra, foram analisadas seis edições do jornal, no mês de junho de 2012.

A pesquisa trouxe como resultado a diferença entre as narrativas construídas na web e no aplicativo do Diário de Pernambuco, no *tablet*; percebeu a importância das redes sociais na construção das narrativas tanto no que diz respeito ao comentário como no compartilhamento; nessa, foi possível também confirmar o conceito de resolução semântica por meio da atualização contínua, especificamente no item "últimas notícias" do jornal analisado.

A importância da discussão se dá pelo fato de se presenciar uma nova realidade como é o caso do *tablet* no âmbito do jornalismo, quando se tem profissionais construindo revistas ou jornais a exemplo do Brasil 247³, exclusivamente para *tablet*. Portanto, esse é um cenário que propõe desafios e investimentos ao universo jornalístico e que, por sua vez, deve ser estudado a fim de que se possa compreender melhor seus anseios e desdobramentos.

1 O jornalismo de base de dados no contexto da hipermediação

A face contemporânea do jornalismo se encontra caracterizada por uma série de fatores que têm conduzido toda a sua estrutura a distintas transformações, desde a sua produção até o consumo de informações, desenvolvendo a hipermediação, um processo de intercâmbio que envolve diferentes públicos, meios e linguagens. Esse mesmo processo é também estudado por Henry Jenkins (2009), ele afirma que a convergência muda a lógica de relação entre tecnologia, mercado, gêneros e públicos. Para Scolari (2008), encontra-se presente nesse cenário convergente a comunicação hipermediática, que se diferencia das formas tradicionais de comunicação devido às características: digitalização, hipertextualidade, reticularidade, multimídia e interatividade. A relação entre a base de dados e a convergência é comentada pelas autoras Larrondo, Mielniczuk e Barbosa (2008).

³ O aplicativo do Jornal Brasil 247 oferece mais possibilidade para a construção de narrativas. Ele foi desenvolvido para o iPad. Disponível em: < <http://www.brasil247.com/> > Acesso em 02 de julho de 2012.

Entre as funções que as BDs desempenham no processo de convergência estão: sustentar a produção e a distribuição dos conteúdos; integrar distintas plataformas (impresso, TV, rádio, Web, móveis, entre outras); gerenciar o fluxo de informação e o conhecimento nas redações; suportar ações de interação que envolvam usuários e profissionais através do conteúdo informativo e de entretenimento, além de armazenar, classificar, relacionar, recuperar e apresentar as informações. (BARBOSA, 2008a, 2008b *apud* LARRONDO; MIELNICZUK; BARBOSA, 2008)

A convergência tem provocado mudanças culturais percebíveis na forma de consumir notícias no jornalismo online, o que resulta em discussões no âmbito acadêmico a partir de pesquisadores, a exemplo de Silva Junior (2001). De acordo com o qual, esse tipo de jornalismo é: "mais que meramente uma plataforma a mais, ou uma mídia, o jornalismo age em estreito diálogo com as possibilidades hipermidiáticas. Ou seja, passa a ser cada vez mais uma potência geradora de núcleos informativos, e não simplesmente uma modalidade" (SILVA JUNIOR, *op.cit.*, p.137). Essa potência geradora de diferentes núcleos informativos permite que, de forma descentralizada, distintas possibilidades de comunicação se tornem possíveis, inclusive, por meio de dispositivos móveis. É o que acontece com o *tablet*, sem esquecer, claro, de mencionar a responsável por proporcionar que a produção, a disseminação e o consumo desses variados tipos de informação se concretizem, a internet.

O que temos de relativizar é que, graças à lógica de internet especificamente, a difusão de informação jornalística em suportes alternativos ganha nova dimensão. Em adição a isto, as novas plataformas de acesso à informação jornalística, como pagers, celulares, PDA's, etc., e outras nem tão novas assim como o fax, painéis digitais públicos, etc., encontram-se em um estado de intrínseca integração com as ferramentas e recursos, isto sim da própria Internet. (SILVA JUNIOR, 2001, p.135-136)

No atual jornalismo, tanto a leitura quanto a produção são possíveis devido ao desenvolvimento da base de dados, o que permite: "explorar, compor, recuperar e interagir com as narrativas" (BARBOSA, 2007, p.112). Esse tipo de jornalismo tem se apropriado de diferentes narrativas, cada uma construída com mais recursos do que outra, possibilitando, inclusive, uma maior participação dos indivíduos.

1.1 O conceito de resolução semântica e o lugar do usuário: as possibilidades de participação

Para caracterizar e apresentar as vantagens do jornalismo de base de dados, António Fidalgo (2007) utilizou o termo resolução semântica, pois no tipo de jornalismo aqui abordado, a notícia é apresentada de forma lacunar, sem muitas explicações e vai sendo construída de forma contínua conforme vão surgindo informações sobre os fatos, até chegar ao que ele chama de saturação semântica, quando todas as informações estiverem disponíveis (p.102). É importante que estejam organizadas e que haja interatividade para que os usuários possam colaborar com a construção da notícia e assim desenvolver uma narrativa.

Fidalgo compara a qualidade da resolução semântica com a qualidade da imagem, ao argumentar que se a qualidade da imagem digital depende da quantidade de pixels, a qualidade da resolução semântica depende da quantidade de informações que possa complementar a notícia. Se pelo contrário, a notícia for negada ou alterada, a qualidade da resolução semântica da notícia será diminuída. Portanto, uma notícia possui uma maior resolução semântica, dependendo da abertura que se oferece ao usuário.

A possibilidade de construção da narrativa noticiosa pelo leitor na web, a partir de recursos hipertextuais transforma a forma como atualmente se consome notícias. Diferentemente do que marcou o século XIX e XX, período histórico citado por Habermas (1987), em que o leitor é considerado um consumidor e a imprensa por fazer parte da indústria cultural e pertencer ao poder econômico, vendia a opinião pública para maximizar o lucro com a publicidade: "A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que a própria imprensa se torna manipulável à medida que ela se comercializa" (HABERMAS, 1984, p.217). A notícia já não é mais decidida de forma hegemônica pelos donos dos veículos, mas pelo usuário que atualmente também pode ser produtor. A narrativa era construída por quem emitia a informação; no século XXI, a comunicação hipermediática permite uma maior participação e uma reconfiguração do papel do emissor.

Por meio de redes sociais como Twitter, YouTube e Facebook, tem-se notícias precisas informadas por cidadãos, oferecendo grandes furos aos meios de comunicação, além de permitir que discussões estimulem manifestações de protesto. Um exemplo é a Primavera Árabe⁴.

A relevância das redes sociais na internet é abordada por Raquel Recuero (2009, p.107), a qual defende que no ciberespaço, os indivíduos podem compartilhar e conquistar valores de influências que produzem um impacto no capital social. Compartilhamento esse que se estende à participação dos indivíduos por meio do envio de fotos, vídeos ou comentários. Atualmente, redes como Twitter e Facebook permitem que o comentário seja visualizado também na página do jornal. Diante de tais reconfigurações da atuação do consumidor, a narrativa também está sendo modificada.

1.2 Conceituando as narrativas e as hipernarrativas

Para Javier Díaz Noci (2011, p.261), o texto narrativo é analisado sob o ponto de vista da disciplina narratologia. Esse tipo de texto configura na mente um mundo composto por agentes inteligentes. No qual, um agente da narrativa conta uma história (Bal *apud* Noci, 2009, p.15) e interage gerando mudanças globais. O autor cita Marie-Laure Ryan que considera a narrativa como uma caracterização lógico-semântica abstrata, com uma grande capacidade de variações, sendo essencialmente uma representação: “Narrative is thus a mental representation of causally connected states and events that captures a segment in the history of a world and of its members” (Ryan, 2004, p.337)⁵.

Following authors like Mieke Bal or Manfred Jahn, we would also like to underline the presence in news stories – especially in hypertextual news stories – of narrative levels and embedded narrative texts, where in those hypertextual structures it is possible to determine

⁴ Uma série de protestos acontecidos no Oriente Médio e norte da África nos quais as pessoas utilizaram, inclusive, as redes sociais para informar e mobilizar a comunidade internacional. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_Árabe > Acesso em 02 de julho de 2012.

⁵ “A narrativa é uma representação mental de estados conectados, além de eventos que capturam um segmento na história de um mundo particular e de seus membros”. (Ryan, 2004, p.337). (Tradução nossa).

which narrative lines are principal and which are accessory or complementary. (NOCI, 2011, p.260)⁶

O conceito de hipernarrativas é apresentado por Lev Manovich (2001), ao fazer uma analogia ao termo hipertexto somado à multimídia. Segundo ele, a mesma possui uma existência material, a da base de dados, denominada de paradigma e, uma segunda desmaterializada, chamada de sintagma. Tais narrativas hipertextuais no jornalismo de base de dados são construídas a partir dos blocos de informações. A construção acontece mediante a intervenção do leitor que tem a capacidade de interferir na sequência da narrativa e construir sua linearidade particular, numa estrutura multilinear (PALACIOS, 1999, p.4).

Entretanto, tal interferência só é possível graças a interligação por meio dos links das possibilidades dos recursos disponíveis presentes nas notícias. Para Lucia Leão (2001, p.4), "sem dúvida alguma, o que faz da web uma teia, uma rede na qual uma complexa malha de informações se interligam, é a própria tecnologia hipertextual que permite os elos entre os pontos diversos". Ainda para Leão (2001), existem dois tipos de links, os disjuntivos, esses ao serem clicados levam o leitor a outro ponto do sistema e os links conjuntivos, que ao serem clicados permitem que o leitor visualize simultaneamente a página clicada e a página na qual estava.

1.3 A importância da arquitetura da informação nas narrativas multimídia

O termo arquitetura da informação surgiu em 1965 com o norte-americano Richard Wurman, antes da web, ele estava relacionado a definição de um mapa ou estrutura capaz de direcionar um caminho pessoal ao conhecimento. Conforme colocou Machado (2007), atualmente, Louis Rosenfeld e Peter Morville defendem como arquitetura da informação: "o desenho da organização, etiquetagem, navegação e sistemas de buscas para ajudar o usuário a encontrar e gerir mais adequadamente a

⁶ "Seguindo autores como Mieke Bal ou Jahn Manfred, gostaríamos também de salientar a presença em notícias - especialmente em notícias hipertextuais - dos níveis narrativos, além dos textos narrativos incorporados, a partir dos quais, nessas estruturas hipertextuais é possível determinar quais são as linhas narrativas principais, o que é acessório ou complementar". (Tradução nossa).

informação, através de uma interface" (LOUIS ROSENFELD e PETER MORVILLE *apud* MACHADO, 2007, p.116).

Para que a arquitetura da informação exerça seu papel, segundo Elias Machado (2007), é necessário que ela cumpra três funções: de mapear, a qual é capaz de direcionar o leitor a localizar determinada informação; de orientar a busca e recuperação de informações; e de estruturar a composição de narrativas. A arquitetura é capaz de estruturar um mapa de conteúdos, além de definir seus itens e estruturar a organização que sustenta o sistema. A arquitetura da informação também encontra descrição com Lucia Santaella (2007): "a arquitetura fluida, leve e volátil do ciberespaço que suporta sua linguagem hipermidiática, é a arquitetura hipertextual" (SANTAELLA, 2007, p.175). A importância dessa arquitetura é enfatizada por Lucia Leão (2001), que a compara com um labirinto, podendo ser gravado e aparecer num disco, num sistema ou numa rede. O fato do leitor navegar no ciberespaço e se desdobrar para chegar a alguma informação, já configura um labirinto.

Estabelecer a arquitetura da informação significa desenhar um esquema abstrato dos conteúdos de um cibermeio plasmado em uma estrutura de base de dados, promovendo a simbiose entre servidor, usuário e o sistema de gerenciamento de conteúdos, que permite partir de uma base previamente programada para gerar um cibermeio dinâmico. (LÓPEZ, GAGO e PEREIRA, 2003, p.198 *apud* MACHADO, 2007, p.116)

Ainda para o autor, a arquitetura da informação é responsável por condicionar a composição da narrativa. Dessa forma, indica que mesmo que possa variar uma ordem e deixar o leitor livre em meio a várias possibilidades de se construir sua narrativa, Machado diz que a arquitetura da informação pode direcionar o leitor a um começo; um meio, denominado por ele, de fluxo interativo; e um fim, mesmo oferecendo ao leitor várias possibilidades.

Ao falar sobre o papel da interface no computador, Steve Johnson (2001) afirma: "o que significa que a região mais dinâmica e mais inovadora do mundo contemporâneo só se revela para nós através dos intermediários anônimos de design de interface" (p.20). Portanto, ao analisar a interação entre o usuário e os dispositivos móveis, deve-se pensar na interface do aplicativo.

2 Metodologia

A análise se desenvolveu a partir do modelo teórico-empírico, pois permite um estudo de campo e traz a revisão de literatura como respaldo teórico, sendo adequado à problemática do objeto em referência. Como objetiva-se testar conceitos, esse modelo vai ao encontro da proposta da pesquisa. Segundo Marly de Oliveira (2008), um dos níveis desse modelo realiza “teste de hipóteses, modelos ou teorias, a partir de dados primários e secundários” (OLIVEIRA, 2008, p.50).

O nível da pesquisa possui um caráter descritivo, visto que: "a pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise aprofundada do problema de pesquisa em relação a aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos" (OLIVEIRA, op. cit., p.45).

Como amostra, foram analisadas as seis edições do mês de junho de 2012, nos dias 01, 21, 23, 24, 26 e 27. No intuito de coletar dados suficientes para estudar os aspectos de resolução semântica. Diante dessa necessidade e sob a perspectiva da abordagem qualitativa, foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: a observação, a análise de conteúdo e a revisão de literatura.

3 O Diário de Pernambuco no *tablet*

Para Díaz Noci (2011), as experiências em tela plana para leitura não são novas. Em 1994, Roger Fidler, que trabalhava para a *Knight* pretendia fazer um *tablet*⁷ que fosse capaz de ler, ouvir, assistir e que fosse caracterizado pela multimídia, no qual uma foto ou vídeo se tornaria notícia com apenas um toque. Seu projeto não foi concluído, mas a ideia persistiu. O autor cita outro exemplo na Espanha, no Periódico da *Catalunya*, quando em 1995 uma equipe construiu um *Newspad*⁸, que numa tela maior, permitia a leitura de jornais e revistas.

⁷ O Jornal no tablet, em 1994. Disponível em: < <http://vimeo.com/17295950> > Acesso em 02 de julho de 2012.

⁸ (NOCI, 2011, p.123).

Para o autor, os dispositivos representam a alternativa dos veículos salvarem seus produtos. De acordo com a Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias: “há uma grande chance de no futuro próximo a imprensa se tornar uma mídia digital, portanto, é relevante que se esteja preparado para isso” (NOCI, 2011, p.124)⁹.

Já existem vários *tablets* de sucesso no mercado, mas a pesquisa se restringiu ao *iPad*¹⁰, porque o Jornal Diário de Pernambuco, atualmente, só produz uma versão do impresso para esse dispositivo. A versão dele pode ser lida a partir do momento em que o usuário faz o download do aplicativo na loja da Apple, a *App Store*. A partir dessa etapa, estão disponíveis tanto a edição do dia, quanto as últimas 12, além dos suplementos (cadernos de informações personalizadas). No entanto, vale salientar que o serviço está restrito aos assinantes do jornal ou a quem se dispor a comprar uma edição avulsa. O jornal disponibiliza algumas das edições dos últimos 12 dias aos não assinantes, mas os mesmos não podem acessar a editoria “últimas notícias”.



Figura1: Espaço “Meus Jornais”

A editoria “últimas notícias” está relacionada com uma das características do jornalismo online que é a “atualização contínua”, (PALÁCIOS *apud* NOCI, 2011, p.41); bem como, com a qualidade da resolução semântica. Conforme anteriormente

⁹ “IFRA –organization representing newspaper publishers–, alerts about the possibility that in the not too distant future the press could be digital media (i. e., received in these types of devices), and says that media must be prepared for it”. NOCI, 2011, p.124)

¹⁰ É o da Apple, lançado em abril de 2010. No Brasil, ele foi lançado em novembro de 2010. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/IPad>> Acesso em 02 de julho de 2012.

comentado, essa característica do jornalismo em base de dados se concretiza quando informações relacionadas aos fatos primeiramente noticiados têm a função de complementar, alterar ou negar àquelas informações. É também graças a base de dados que há um espaço no aplicativo, denominado de “meus jornais”, onde é possível armazenar os jornais que o usuário fez o download. Tal possibilidade confirma o armazenamento como uma característica da base de dados, defendido por Manovich (2001), e a memória como uma das características do jornalismo online (PALÁCIOS *apud* NOCI, *op.cit.*, p. 41). É por meio da memória que é possível cruzar informações na rede, compará-las, retornar, pesquisar outros conteúdos, inclusive, para colaborar com o aumento da resolução semântica (Fidalgo, 2007).

Por possuir as características lógico-matemática e de armazenamento, a base de dados possibilita o gerenciamento de informação e a memorização. Foi devido à possibilidade de armazenamento e a memória que jornais como o Estadão digitalizaram suas edições e as disponibilizam em seus sites. No Estadão, a editoria “Acervo” organiza todas as edições desde a década de 1870. Para acessar, é necessário fazer um cadastro, que permite visualizar, gratuitamente, até 20 páginas ampliadas. Para poder ultrapassar essa quantidade, é preciso realizar algum tipo de assinatura oferecida pelo Grupo. Somente em página ampliada, na qualidade de zoom, é possível ler a matéria.

O fato de alguns veículos como Folha de São Paulo, New York Times, Estadão e na plataforma móvel Jornal do Commercio ou Diário de Pernambuco começarem a cobrar pelo acesso, entre outras fatores, deve-se a função comercial no meio online. Essa atitude corrobora com a convergência midiática, na qual, de forma híbrida, as empresas se integram para gerar outros tipos de conteúdos e em outras plataformas.

Para apontar possíveis transformações dos formatos na mídia digital, Larrondo, Mielniczuk e Barbosa (2008) discutem os formatos de gêneros jornalísticos na web em quatro níveis: repetição, renovação, inovação e enriquecimento. O último é o mais adequado para descrever as diversas categorias de gêneros coexistentes no Diário de Pernambuco, já que se trata de notícias do impresso tal como aparece no jornal, diferenciando-se apenas no momento em que se pode assistir aos vídeos com entrevistas e reportagens, além de ver fotos ou enviar a notícia por e-mail ou divulgá-las nas redes

sociais Twitter e Facebook. “Enriquecimento: corresponde ao nível que alcançaram aqueles gêneros que, mesmo respeitando o cânone do seu gênero correspondente, incorpora as possibilidades hipertextuais, multimídia e/ou interativas” (SALAVERRÍA; CORES, 2005, p.148-149 *apud* LARRONDO; MIELNICZUK; BARBOSA, 2008, p.9).

Dessa forma, vale ressaltar que diferentemente da lógica da web, quando múltiplas escolhas são capazes de tornar uma narrativa multilinear, possibilitando ao usuário construir sua narrativa, com sua própria sequencialidade; no aplicativo do *tablet* a narrativa sofre mudanças.



Figura 2: Capa com algumas galerias.

A informação parece palpável. Apenas com o toque é possível visualizar todas as páginas, os conteúdos divididos por editoria, ver a galeria das fotos, dos vídeos e os favoritos. Além da mobilidade de poder levar o iPad para qualquer lugar. Mas as informações estão ali, disponíveis, e a impressão que se tem é que a lógica do aplicativo não possibilita aos usuários muitas escolhas. No entanto, não se pode dizer que tal argumento é aplicado a todos os jornais. É evidente que jornais como o Brasil 247 feito para o *tablet* oferecem mais alternativas em sua narrativa jornalística, além de revistas como a Carta Capital.

O que fica claro a partir dessa análise é que, nesse momento de transição, não se tem ainda um meio restrito a linguagem impressa, nem a linguagem digital, mas híbridas sob a óptica multimídia.

Considerações finais

A reflexão foi capaz de verificar que há possibilidade de se confirmar a resolução semântica na versão impressa para o tablete do Diário de Pernambuco, por meio da “atualização contínua”, ou seja, a partir da visualização do conteúdo disponibilizado na editoria “últimas notícias”.

No entanto, no aplicativo analisado, não é possível o leitor comentar diretamente na notícia, é possível comentar e divulgar na rede social. Vê-se, dessa forma, a importância das redes sociais no compartilhamento de notícias e como se viu, no compartilhamento de opiniões.

Percebe-se uma diferença entre a lógica das notícias veiculadas no aplicativo do jornal para o *tablet*, no jornal impresso e nas notícias online. O aplicativo do *tablet* em questão oferece poucas alternativas para que o usuário construa sua narrativa, claro, do ponto de vista da possibilidade apontada por Fidalgo (2007), quando o espaço dado ao usuário seja capaz de oferecer-lhe mecanismos para interferências na narrativa.

Sabe-se que é preciso trilhar um longo caminho no intuito de construir possibilidades, por meio das quais se possa informar cada vez mais e melhor, mas com a participação do usuário. É nítido que há uma reconfiguração de papéis. O leitor quer visibilidade, quer estabelecer trocas simbólicas no processo comunicativo. Portanto, em tempos de convergência, há novos desafios para quem produz conteúdo para dispositivos móveis.

A pesquisa aponta questionamentos para possíveis investigações futuras, entre os quais: compreender até que ponto é interessante para o leitor do jornal impresso passar a lê no *tablet*. Do ponto de vista comercial, como se encontra a aceitação dos anunciantes com relação aos anúncios em diferentes plataformas. Há também a necessidade de um estudo que mapeie como as empresas brasileiras estão se

organizando para oferecer conteúdos para esses dispositivos móveis. Essas e outras questões são estímulos significativos para reflexões, as quais provocam o desejo de realizar estudos mais aprofundadas sobre o assunto.

Referências

BARBOSA, Suzana. **Sistematizando conceitos e características sobre o Jornalismo digital em base de dados**. In: BARBOSA, Suzana (org.). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. Cap. 7, p.127-153.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade Em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FIDALGO, António. **A resolução semântica no jornalismo online**. In: BARBOSA, Suzana (org.). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. cap. 7, p. 101-110.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1984.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 Ed. São Paulo: aleph, 2009. 428p.

JOHSON, Steven. **Cultura da Interface**: Como o Computador Transforma Nossa Maneira de Criar e Comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na da informática. Rio de janeiro: Editora 34, 1993. 208p.

LARRONDO, Ainarra; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana. **Narrativa jornalística e base de dados: discussão preliminar sobre gêneros textuais no ciberjornalismo de quarta geração**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 6., 2008, São Bernardo do Campo: Anais... São Bernardo do Campo: Umesp, 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada8lucianamielniczuk.pdf> > Acesso em 28 de junho de 2012.

MACHADO, Elias. **A base de dados como espaço de composição multimídia**. In: BARBOSA, Suzana (org.). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. cap. 8, p. 111-124.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. London: The Mit Press Cambridge, 2001.

Noci, Javier Díaz. **Online News: Narrative, Hypertext and Interactivity. An Analysis of Internacional Media.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2011.

PALACIOS, Marcos. Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999. Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/1999_palacios_hipertexto_naolinearidade.pdf>
Acesso em 28 de junho de 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA JUNIOR, José Afonso. **Do hipertexto ao algo mais: usos e abusos do conceito de hipermídia pelo jornalismo on-line.** LEMOS, André (org.); PALACIOS, Marcos (org.). *As janelas do Ciberespaço.* 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2001. p.128-139.

História do Diário de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.diariodepernambuco.com.br/cedoc/>> Acesso em 01 de outubro de 2011.

Jornal Brasil 247. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/>> Acesso em 02 de julho de 2012.

Primavera Árabe. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_Árabe >
Acesso em 02 de julho de 2012.

Protótipo do *tablet* em 1994. Disponível em: < <http://vimeo.com/17295950> > Acesso em 02 de julho de 2012.

Tablet da Apple. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/IPad>> Acesso em 02 de julho de 2012.